

JORNALISMO DE GABINETE E (DES)INFORMAÇÃO TERRITORIAL: A COBERTURA DA ROTA VALES DOS TROPEIROS NO VALE DO AÇO (MG)

Bruna Silva de Oliveira

Mestranda em Gestão Integrada ao Território da Universidade Vale do Rio Doce

bruna.oliveira1@univale.br

Franco Dani Araujo e Pinto¹

Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce

franco.araujo@univale.br

Resumo

Este artigo analisa criticamente a cobertura jornalística da inauguração da Rota Vales dos Tropeiros, circuito de cicloturismo lançado em agosto de 2024 no Vale do Aço (MG). A partir da Análise de Conteúdo, foram examinadas dez reportagens publicadas em veículos regionais (Diário do Aço, Plox, Vox 97 FM, Revista Caminhos Gerais e Portal da Cidade Ipatinga). O estudo investigou tipologia das fontes, grau de originalidade e diversidade de vozes, revelando a predominância de releases institucionais e a ausência de escuta comunitária. O debate articula o conceito de jornalismo de gabinete no contexto do *churnalism*, e a noção de desinformação por omissão, em diálogo com o artigo “A guerra e o jornalismo de gabinete”, publicado pelo Observatório da Imprensa, em 2004, o qual denunciou a dependência da mídia internacional em discursos oficiais durante a invasão do Iraque. Conclui-se que a cobertura, ao silenciar disputas simbólicas e impactos socioambientais, reforça um modelo precarizado de jornalismo que compromete o debate público, fragiliza a democracia e afeta a construção de memórias coletivas no território.

Palavras-chave: Jornalismo de gabinete; Desinformação; Memória coletiva; Rota Vale dos Tropeiros; Vale do Aço.

Abstract

This article critically analyzes the journalistic coverage of the inauguration of the Rota Vales dos Tropeiros, a cycle tourism circuit launched in August 2024 in the Vale do Aço region (MG). Based on Content Analysis, ten reports published in regional outlets (Diário do Aço, Plox, Vox 97 FM, Revista Caminhos Gerais, and Portal da Cidade Ipatinga) were examined. The study investigated the typology of sources, degree of originality, and diversity of voices, revealing

¹ Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

the predominance of institutional press releases and the absence of community perspectives. The debate articulates the concept of newsroom journalism in the context of churnalism and the notion of disinformation by omission, in dialogue with the article “War and newsroom journalism,” published by Observatório da Imprensa in 2004, which denounced the international media’s reliance on official discourses during the Iraq invasion. It concludes that the coverage, by silencing symbolic disputes and socio-environmental impacts, reinforces a precarious model of journalism that undermines public debate, weakens democracy, and affects the construction of collective memories in the territory.

Keywords: Newsroom journalism; Disinformation; Collective memory; Rota Vales dos Tropeiros; Vale do Aço.

Introdução

A imprensa ocupa papel central na mediação entre acontecimentos sociais e sua interpretação pública. Nesse sentido, mais do que relatar fatos, o jornalismo constrói narrativas que ajudam comunidades a compreender transformações, atribuir significados e projetar futuros. Dessa forma, o território não é apenas cenário, mas um ator ativo, carregado de memórias, conflitos e disputas simbólicas (Haesbaert, 2004). Assim, ao analisar o jornalismo regional, é possível compreender não apenas as rotinas produtivas da notícia, mas também os modos como se produzem versões sobre a realidade territorial.

Entretanto, em diversas regiões do Brasil, sobretudo nas interioranas, verifica-se uma tendência à reprodução acrítica de conteúdos institucionais. Essa prática, conhecida como jornalismo de gabinete ou churnalism (Davies, 2008), caracteriza-se pela dependência de releases e notas oficiais em detrimento da apuração em campo. Essa dinâmica reduz a autonomia jornalística, compromete a diversidade de fontes e gera desinformação por omissão, uma vez que silencia perspectivas locais e invisibiliza conflitos (Wardle; Derakhshan, 2017). O resultado é um jornalismo burocrático, que cumpre mais a função de porta-voz de instituições do que de fiscalizador do poder e mediador de debates públicos.

O problema não é meramente operacional. Como destacam Abramo (1988) e Ribeiro (1994), trata-se de um efeito da lógica industrial e mercadológica da imprensa, que privilegia rapidez, padronização e relações políticas em detrimento da pluralidade. Ao transformar notícias em mercadorias, a mídia abre espaço para que discursos oficiais sejam naturalizados, mesmo quando carregados de interesses econômicos ou políticos. Essa lógica, somada à precarização das redações e à concentração midiática, agrava a fragilidade informativa em regiões fora dos grandes centros.

Nesse contexto, torna-se urgente examinar a cobertura jornalística da Rota Vales dos Tropeiros, inaugurada em agosto de 2024. A rota, lançada como iniciativa de cicloturismo e valorização cultural, articula memória tropeira, desenvolvimento econômico e marketing territorial. Sua inauguração mobilizou órgãos como Sebrae-MG, Agência de Desenvolvimento do Circuito Turístico Mata Atlântica de Minas (CTMAM), Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Vale do Aço (RMVA) e prefeituras locais, projetando a imagem do Vale do Aço como destino turístico. Entretanto, para além do tom celebratório, o caso revela como a mídia regional abordou, ou silenciou, dimensões históricas, culturais, ambientais e sociais.

Este artigo parte do pressuposto de que a análise dessa cobertura permite compreender mecanismos de desinformação territorial, pois ao ignorar vozes comunitárias e restringir-se às versões institucionais, a imprensa produz representações parciais que moldam o

imaginário coletivo. Interessa-nos, portanto, responder: de que maneira a cobertura reconheceu ou omitiu disputas de memória e território? Quais vozes foram autorizadas a falar sobre a rota? Quais os efeitos desse jornalismo para a pluralidade informativa e para a democracia local?

Ao articular teoria, metodologia e análise empírica, buscamos mostrar que o jornalismo regional, quando reduzido à reprodução de releases, não apenas compromete a qualidade informativa, mas também interfere na forma como comunidades constroem sentidos sobre si mesmas. Dessa forma, problematizar o jornalismo de gabinete é reafirmar a comunicação como prática social fundamental na defesa da memória, da cidadania e da integridade informacional.

1 A Rota Vales dos Tropeiros: contexto histórico e simbólico

A Rota Vales dos Tropeiros, com 196 km de trilhas conectando Dionísio, Marliéria, Timóteo, Antônio Dias e São Domingos do Prata, constitui-se como iniciativa de valorização histórica e de promoção do cicloturismo. Idealizada em parceria entre Sebrae-MG, Circuito Turístico Mata Atlântica de Minas (CTMAM), Agência de Desenvolvimento da RMVA e prefeituras locais, foi inaugurada em agosto de 2024 e apresentada como símbolo de desenvolvimento econômico e resgate cultural.

O traçado da rota recupera caminhos abertos por tropeiros desde o século XIX, viajantes que transportavam animais, mercadorias e notícias entre diferentes regiões de Minas Gerais. Mais do que rotas de comércio, esses caminhos consolidaram formas de sociabilidade, práticas culturais, culinária típica e expressões linguísticas que permanecem vivas no imaginário popular. Como lembram Holanda (1994) e Sá (2014), a presença tropeira orientou estradas, deu origem a povoados e forjou redes de trocas simbólicas e econômicas que moldaram a identidade regional. Nesse contexto, a atividade tropeira não apenas moldou o território fisicamente, influenciando os traçados das atuais estradas, mas também deixou marcas na cultura, nas relações sociais e na economia local. Nesse sentido a presença dos tropeiros na região remonta a um período em que a Mata do Rio Doce, também chamada de Mata do Parque, ainda era um território inexplorado e inóspito, conforme descrito por Baptista Filho (1992):

A região era insalubre e inóspita. Havia a maleita (febre tremedeira, ou malária ou paludismo), o tifo, o tétano e outras endemias tropicais que a todos amedrontavam. A área de mato abrangia uma vasta extensão territorial do gigantesco município de São Domingos do Prata (Timóteo, Gramma-Jaguarassu, Babilônia-Marliéria, Dionísio, Goiabal e Alfié) (Baptista Filho, 1992, p. 193).

Apesar dos desafios enfrentados, os tropeiros desempenharam um papel crucial no desenvolvimento econômico e cultural da região. Além de transportadores, eram comerciantes, mensageiros e agentes de difusão cultural. Suas viagens, meticulosamente planejadas, conectavam comunidades isoladas, promovendo trocas comerciais e transmitindo conhecimentos e tradições.

Nos últimos anos, contudo, observa-se um esforço de ressignificação do legado tropeiro. Políticas públicas e iniciativas privadas vêm apostando no turismo cultural, no ecoturismo e no cicloturismo como estratégias de desenvolvimento territorial. Nesse sentido, o projeto da rota inclui sinalização de trilhas, identidade visual própria, capacitação de empreendedores e ações de marketing territorial. Ao mesmo tempo, envolve universidades e centros de

pesquisa, como os projetos “Observatório Crítico de Mídia – Ópera” e “História, Cultura e Território”, do PPG em Gestão Integrada do Território da Univale, que analisam a relação entre memória, comunicação e patrimônio.

Assim, a Rota Vales dos Tropeiros não pode ser entendida apenas como atrativo turístico. Ela é também um espaço simbólico em disputa, onde diferentes atores (instituições, governos locais, comunidades e mídia) negociam significados sobre desenvolvimento, memória e identidade. É nesse ponto que a cobertura jornalística ganha centralidade: ao escolher que vozes amplificar e que narrativas silenciar, a imprensa regional contribui para definir como esse território será lembrado e projetado.

2 Fundamentação Teórica

O jornalismo de gabinete representa uma ruptura com os princípios clássicos da responsabilidade social da mídia. De acordo com a teoria apresentada pela Hutchins Commission (1947), cabe à imprensa relatar os fatos com fidelidade, distinguir notícia de opinião, oferecer um espaço plural de debate, representar com precisão os diferentes grupos sociais, atuar como instância educativa e assegurar ampla circulação de informações. Ao se limitar à reprodução de versões oficiais, a mídia deixa de cumprir essas funções, abrindo espaço para distorções e silenciamentos.

Como observa Juski, a objetividade e o interesse público da produção jornalística, que deveriam ser norteadores, são frequentemente subordinados a interesses econômicos e políticos. Essa crítica aplica-se diretamente às práticas de gabinete, que privilegiam agendas institucionais em detrimento da diversidade social e cultural. O resultado é a produção de conteúdos que fragilizam a credibilidade da imprensa e colaboram para a (des)informação territorial, invisibilizando comunidades e reduzindo o jornalismo a um papel burocrático.

Davies (2008), em *Flat Earth News*, conceitua o churnalismo como o processo pelo qual jornalistas, pressionados por prazos curtos e estruturas precarizadas, passam a reproduzir materiais de assessorias sem verificação rigorosa. Essa prática resulta em informação de baixa qualidade, incapaz de representar a complexidade social. Wardle e Derakhshan (2017) reforçam essa ideia ao apontar que a desinformação também se manifesta por meio da omissão e da simplificação excessiva de processos complexos. Essa dimensão é especialmente grave em territórios periféricos, onde a concentração midiática em grandes centros amplia os vazios informativos.

Do ponto de vista teórico, também é relevante considerar a crítica de Abramo (1988) e Ribeiro (1994), que analisaram como a imprensa, ao se tornar uma indústria, passou a priorizar a produção rápida e padronizada de notícias, substituindo o trabalho investigativo por fórmulas repetitivas. Nielsen (2020) chama esse cenário de “ecossistema de baixa densidade jornalística”, no qual redações enxutas, pressionadas por velocidade e métricas digitais, reproduzem conteúdos prontos de assessorias.

Outro eixo central é a dimensão territorial da comunicação. Para Haesbaert (2004), o território não é apenas espaço físico, mas um campo de disputas simbólicas, onde diferentes atores competem pela legitimidade de narrar e atribuir sentidos. A comunicação, nesse sentido, atua como mecanismo de construção de identidades e de naturalização de determinados modelos de desenvolvimento. Quando a mídia silencia comunidades, colabora para o apagamento de memórias coletivas e para a legitimação de políticas top-down.

Assim, compreender o jornalismo de gabinete como prática inserida em dinâmicas globais de precarização informativa e relacioná-lo ao contexto territorial permite problematizar não

apenas a qualidade do jornalismo regional, mas também sua influência direta na democracia, na memória coletiva e na cidadania. O estudo da cobertura da Rota Vales dos Tropeiros, portanto, não se restringe a um caso local, mas dialoga com uma problemática mais ampla: como a mídia contemporânea, ao privilegiar discursos institucionais, afeta a construção simbólica de territórios e o direito à informação.

3 Metodologia

A investigação foi conduzida a partir de um recorte temporal que abrangeu os dias anteriores e posteriores à inauguração oficial da Rota Vales dos Tropeiros, entre 12 e 21 de agosto de 2024. Esse período foi escolhido por concentrar tanto a expectativa criada por órgãos institucionais quanto a repercussão imediata do evento. O corpus final da pesquisa reuniu dez reportagens publicadas em veículos digitais e impressos com sede ou circulação no Vale do Aço, incluindo Diário do Aço, Plox, Vox 97 FM, Revista Caminhos Gerais e Portal da Cidade Ipatinga.

O método adotado foi a Análise de Conteúdo categorial de Bardin (2011), amplamente reconhecida no campo da comunicação por permitir sistematizar e interpretar significados a partir de materiais jornalísticos. A análise foi estruturada em três eixos principais: (i) Tipologia das fontes – distinguindo fontes institucionais, políticas, comunitárias, técnicas e empresariais; (ii) Grau de originalidade – diferenciando reportagens próprias, releases parcialmente reproduzidos e releases integrais; (iii) Diversidade de vozes – considerando número e variedade de atores citados, recursos multimídia utilizados e tom discursivo (celebratório, crítico ou informativo).

O processo analítico ocorreu em três etapas. Na primeira, foi realizada uma leitura exploratória para identificar padrões de linguagem, enquadramentos e elementos recorrentes. Em seguida, aplicou-se a codificação inicial, conduzida individualmente por dois pesquisadores para aumentar a confiabilidade da análise. Por fim, houve um consenso reflexivo (Miles; Huberman; Saldaña, 2014), no qual os resultados preliminares foram discutidos e ajustados até se chegar a categorias finais compartilhadas.

Além disso, buscou-se cotejar os resultados com estudos anteriores sobre jornalismo regional e churnalism, estabelecendo diálogos comparativos que enriquecessem a interpretação. Ainda que a pesquisa não tenha utilizado métricas estatísticas de confiabilidade, a triangulação entre diferentes autores e a validação conjunta dos pesquisadores conferiram consistência aos achados.

Reconhecem-se, contudo, algumas limitações: o recorte temporal restrito, a ausência de entrevistas diretas com jornalistas, gestores ou membros da comunidade, e o foco em veículos institucionais e regionais de maior alcance. Isso excluiu rádios comunitárias, blogs locais e redes sociais digitais, que poderiam oferecer uma visão mais plural da recepção social da rota. Tais limitações, entretanto, não invalidam os resultados, mas indicam caminhos para pesquisas futuras que contemplem uma diversidade maior de fontes e de mídias.

4 Resultados e discussão

A análise do corpus revelou padrões recorrentes que evidenciam a forte dependência dos veículos regionais em relação a releases institucionais. Dos dez textos examinados, oito (80%) reproduziram integral ou parcialmente materiais produzidos por Sebrae-MG e CTMAM, com títulos, trechos e imagens praticamente idênticos. Isso demonstra não apenas a ausência de produção autoral, mas também uma baixa autonomia editorial frente às fontes oficiais.

4.1 Tipologia das fontes

A tipologia das fontes reforça esse quadro: em 90% dos textos, as vozes predominantes foram institucionais ou empresariais, como representantes de prefeituras, do Sebrae e do Circuito Turístico. Apenas duas matérias trouxeram falas de empreendedores locais, e nenhuma incluiu moradores, guias comunitários ou organizações sociais. Assim, a comunidade diretamente afetada pela rota permaneceu ausente do debate público.

4.2 Grau de originalidade

Quanto à originalidade, observou-se que 50% das matérias consistiam em reproduções quase integrais de releases, 30% em adaptações superficiais e apenas 20% apresentavam elementos de produção própria, como vídeos ou fotografias feitas pelo próprio veículo. Mesmo nesses casos, o conteúdo manteve um enquadramento celebratório, alinhado ao discurso oficial.

4.3 Diversidade de vozes e enquadramentos

O tom celebratório foi predominante em sete matérias (70%), que destacaram promessas de desenvolvimento, geração de renda e valorização cultural, sem apresentar questionamentos. Duas matérias assumiram tom informativo neutro (20%) e apenas uma, publicada de forma secundária, trouxe observações críticas pontuais sobre a infraestrutura do evento (10%). Nenhuma reportagem discutiu impactos ambientais, disputas de terra, pressões sobre comunidades rurais ou conflitos identitários em torno da memória tropeira.

4.4 Exemplos específicos

- O Diário do Aço (14 ago. 2024) afirmou que a rota “colocará o Vale do Aço no mapa nacional do cicloturismo”, sem apresentar dados ou contrapontos.
- O Portal da Cidade – Ipatinga (14 ago. 2024) publicou texto quase idêntico ao release do Sebrae, inclusive com a mesma fotografia oficial.
- O portal Plox (19 ago. 2024) produziu vídeo próprio do evento e entrevistou autoridades políticas e empresários, mas ainda não incluiu vozes populares.
- A Revista Caminhos Gerais (19 ago. 2024) trouxe a fala de um empreendedor local, mas que reproduzia um discurso institucional de otimismo e crescimento econômico.

Esse padrão de dependência de releases, embora situado no contexto regional do Vale do Aço, não é um fenômeno isolado. Nesse sentido, conecta-se a práticas observadas em escala internacional, mostrando como a imprensa, em diferentes tempos e lugares, pode abrir mão da escuta plural e da investigação própria em favor de versões oficiais. Um exemplo dessa lógica ocorreu na cobertura da Guerra do Iraque em 2003, quando grandes veículos reproduziram discursos governamentais sem considerar relatórios independentes que já apontavam a inconsistência das acusações.

4.5 Comparação internacional: a Guerra do Iraque

O artigo “A guerra e o jornalismo de gabinete”, publicado pelo Observatório da Imprensa (Pepe; Sastre; Eblak, 2004), denunciou a forma como a imprensa internacional, especialmente veículos norte-americanos e britânicos, tratou a invasão do Iraque em 2003. Naquele contexto, jornais de grande circulação reproduziram sem questionamentos as declarações oficiais do governo George W. Bush sobre a suposta existência de armas de

destruição em massa. Ao mesmo tempo, ignoraram relatórios da ONU que apontavam a ausência dessas evidências. A jornalista Barbara Crossette (apud Pepe; Sastre; Eblak, 2004), ex-correspondente do New York Times, foi enfática: se os veículos tivessem consultado as informações disponíveis na ONU, já em 2002 seria possível afirmar que tais armas não existiam.

Esse episódio ilustra um mecanismo típico do jornalismo de gabinete: a centralidade absoluta das fontes oficiais e a supressão de vozes alternativas. O resultado foi a legitimação de uma intervenção militar devastadora, posteriormente reconhecida como injustificada. A credibilidade da imprensa internacional ficou abalada, e o caso tornou-se exemplo paradigmático da falha em cumprir a responsabilidade social da mídia. De acordo com Bucci (2000) e Lisboa (2018), a credibilidade é o maior patrimônio do jornalismo; quando o processo de apuração é substituído pela dependência acrítica das fontes oficiais, esse patrimônio é corroído.

Ao compararmos com a cobertura da Rota Vales dos Tropeiros, em escala regional, identificamos padrões semelhantes. Assim como na Guerra do Iraque, a imprensa local optou por seguir o caminho mais confortável: reproduziu releases institucionais, evitou o trabalho investigativo e excluiu as vozes diretamente impactadas. Enquanto no caso internacional a desinformação ocorreu por distorção (propagação de uma ameaça inexistente), no caso regional predominou a desinformação por omissão (silenciamento de tensões, disputas e impactos socioambientais). Em ambos, a consequência foi a formação de uma esfera pública empobrecida, na qual a pluralidade de perspectivas foi sacrificada em nome da conveniência.

A analogia evidencia que o problema transcende fronteiras geográficas e temporais. No cenário internacional, a imprensa ajudou a legitimar uma guerra; no Vale do Aço, contribuiu para cristalizar uma narrativa consensual de desenvolvimento. Ambos os exemplos demonstram que o jornalismo de gabinete compromete não apenas a qualidade informativa, mas também o exercício da democracia. Quando a mídia abdica da escuta plural e se restringe às versões oficiais, ela se transforma em instrumento de reprodução de poder, seja em disputas globais de ordem geopolítica ou em processos locais de patrimonialização simbólica.

Portanto, a comparação internacional reforça o argumento central deste artigo: a prática do jornalismo de gabinete não é mero problema de escala regional ou de limitações de recursos, mas um fenômeno estrutural do campo midiático contemporâneo. Dessa forma, a cobertura da Rota Vales dos Tropeiros deve ser lida dentro desse quadro maior, em que a precarização das rotinas jornalísticas compromete a diversidade informativa e limita a capacidade da sociedade de formar juízos críticos sobre seu próprio território.

A comparação entre a cobertura da Guerra do Iraque e a da Rota Vales dos Tropeiros evidencia, em diferentes escalas, como o jornalismo, ao abrir mão de práticas investigativas e da diversidade de vozes, abdica de seu potencial de atuar como tecnologia social. Entendida como prática capaz de articular saberes, democratizar informações e produzir transformações coletivas, a tecnologia social da comunicação poderia ter contribuído tanto para questionar narrativas oficiais que legitimaram uma guerra quanto para problematizar discursos institucionais que celebraram o turismo sem considerar tensões locais. Em ambos os casos, o que se observa é a limitação do debate público e a redução da complexidade em nome da conveniência, revelando que a ausência de interdisciplinaridade e de escuta plural enfraquece o papel da imprensa como mediadora social e como instrumento de fortalecimento da cidadania.

5 Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa evidenciam um padrão preocupante: a cobertura jornalística da Rota Vales dos Tropeiros reproduziu majoritariamente discursos oficiais, adotando um tom celebratório e omitindo as tensões sociais, culturais e ambientais que atravessam o território. Nesse sentido, o predomínio de releases institucionais e a ausência de vozes comunitárias confirmam o diagnóstico de que o jornalismo regional, quando reduzido a práticas de gabinete, fragiliza sua função social e compromete a integridade informacional.

Essa constatação reforça a necessidade de compreender o jornalismo de gabinete não apenas como falha operacional, mas como parte de um fenômeno estrutural do campo midiático. Assim como no caso da Guerra do Iraque, analisado pelo Observatório da Imprensa (2004), a dependência de fontes oficiais e a omissão de perspectivas alternativas produzem desinformação e empobrecem o debate público. Dessa forma, no Vale do Aço, esse mecanismo resultou na transformação do tropeirismo em produto turístico, reduzindo sua densidade histórica e simbólica.

Ao esvaziar a pluralidade de vozes, o jornalismo regional deixa de exercer seu papel fiscalizador e passa a colaborar com narrativas institucionais de desenvolvimento. Isso não apenas fragiliza a democracia local, mas também impacta a construção da memória coletiva, uma vez que comunidades deixam de ver suas experiências reconhecidas no espaço público. A imprensa, nesse contexto, participa ativamente da fabricação de uma realidade parcial, naturalizando políticas top-down e obscurecendo conflitos territoriais.

Como encaminhamento, torna-se fundamental repensar metodologias jornalísticas capazes de restaurar a diversidade informativa. Reportagens dialógicas, que incluam moradores, guias locais, pequenos empreendedores e ex-tropeiros, podem devolver densidade à narrativa sobre a rota. Além disso, é necessário fortalecer práticas de jornalismo investigativo em regiões interioranas, incentivando a produção autoral e reduzindo a dependência de assessorias.

Para a pesquisa acadêmica, este estudo abre caminhos para novas investigações. Futuras análises podem contemplar mídias comunitárias, redes sociais digitais e rádios locais, ampliando o escopo das vozes analisadas. Também seria relevante comparar a cobertura de outros circuitos turísticos e projetos de desenvolvimento regional, de modo a verificar se o padrão identificado aqui se repete em diferentes contextos.

Em síntese, a análise da cobertura da Rota Vales dos Tropeiros demonstra que o jornalismo de gabinete compromete tanto a qualidade da informação quanto a vitalidade democrática dos territórios. Ao naturalizar discursos oficiais e silenciar memórias comunitárias, a mídia reforça assimetrias históricas e produz efeitos desinformativos que transcendem a esfera comunicacional, afetando políticas públicas e processos participativos. Questionar e tensionar essas práticas é, portanto, condição essencial para fortalecer a pluralidade informativa, resgatar o protagonismo social e assegurar que os territórios sejam narrados também pela voz daqueles que os habitam. Mais do que registrar fatos, cabe à imprensa participar ativamente da construção de narrativas inclusivas, nas quais os territórios sejam compreendidos em sua complexidade e contados a partir da voz de quem os vive cotidianamente.

Referências

ABRAMO, C. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAPTISTA FILHO, José. **Adeus São José da lagoa**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992.

BONNEMAISON, Joël. **L'arbre et la pirogue**: esquisse d'une géographie symbolique des îles du Vanuatu. Paris: ORSTOM, 1980.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARVALHO NETO, Mario. Turismo no Vale do Aço e região sai do papel, coloca os pés na trilha e avança com profissionalismo. **Caminhos Gerais**, Timóteo, 19 ago. 2024. Disponível em: <https://revistacaminhosgerais.com.br/noticias/turismo-no-vale-do-aco-e-regiao-sai-do-papel-coloca-os-pes-na-trilha-e-avanca-com-profissionalismo/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural. 2. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2007. DAVIES, Nick. **Flat earth news**. London: Chatto & Windus, 2008.

DIÁRIO POPULAR MG. Lançamento da Rota Vales dos Tropeiros é novo marco para o turismo regional. **Diário Popular MG**, 12 ago. 2024. Disponível em: <https://diariopopularmg.com.br/lancamento-da-rota-vales-dos-tropeiros-e-novo-marco-para-o-turismo-regional/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DI MÉO, Guy. **A construção social do espaço**. São Paulo: Contexto, 2004.

DAVIES, Nick. **Flat earth news**. London: Chatto & Windus, 2008.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JUSKI, Juliane do Rocio; BISOL, Laísa Veroneze; SILVA, Fernando Lopes da et al. **Crítica da Mídia**. Porto Alegre: SAGAH, 2020.

LANÇAMENTO da Rota Vales dos Tropeiros movimenta turismo no Vale do Aço. **Portal da Cidade – Ipatinga**, 14 ago. 2024. Disponível em: <https://ipatinga.portaldacidade.com/noticias/regiao/lancamento-da-rota-vales-dos-tropeiros-movimenta-turismo-no-vale-do-aco-1553>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LENHARO, Alcir. **As tropas da moderação**. São Paulo: Brasiliense, 1986

LUCIANO, Marcelo. Lançamento da Rota Vales dos Tropeiros: um novo marco para o turismo regional. **Portal N**, 12 ago. 2024. Disponível em: <https://portaln.com.br/2024/08/turismo/lancamento-da-rota-vales-dos-tropeiros-um-novo-marco-para-o-turismo-regional/>. Acesso em: 22 jun. 2025

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial. Buenos Aires: Del Signo, 2011.

MILES, Matthew B.; HUBERMAN, A. Michael; SALDAÑA, Johnny. **Qualitative data analysis**: a methods sourcebook. 3. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2014. Disponível em: <https://www.metodos.work/wp-content/uploads/2024/01/Qualitative-Data-Analysis.pdf>. Acesso em: 01 set. 2025.

NIELSEN, Rasmus Kleis. **Changing business of journalism and its implications for democracy**. Oxford: Reuters Institute, 2020.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **A imprensa e a cobertura da Guerra do Iraque**. Observatório da Imprensa, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-guerra-e-o-jornalismo-de-gabinete/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

NIELSEN, Rasmus Kleis. **The power of platforms**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

PEREIRA, Fernanda. Sebrae Minas lança Rota Vales dos Tropeiros Cicloturismo durante competição de mountain bike, em Timóteo. **Agência Sebrae Minas**, 13 ago. 2024. Disponível em: <https://mg.agenciasebrae.com.br/economia-e-politica/sebrae-minas-lanca-rota-vales-dos-tropeir-os-cicloturismo-durante-competicao-de-mountain-bike-em-timoteo/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

RIBEIRO, J. C. **Sempre alerta**: condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RODRIGUES, Jussara Maria Silva; COSTA, Valéria Aparecida da. Identidade, patrimônio e materialidades do tropeirismo. In: **Anais do Seminário Nacional do Patrimônio Cultural**, 2022.

ROSENDAHL, Zeny. **Cultura e religião no território fluminense**. Niterói: Eduff, 2005.

ROTA turística "Vale dos Tropeiros" é lançada; veja o vídeo. **Plox**, Ipatinga, 19 ago. 2024. Disponível em: <https://plox.com.br/noticia/19/08/2024/rota-turistica-vale-dos-tropeiros-e-lancada-veja-o-video>. Acesso em: 11 jun. 2025.

ROTA Vales dos Tropeiros Cicloturismo será lançada durante o Inox Bike em Timóteo. **Plox**, Ipatinga, 12 ago. 2024. Disponível em: <https://plox.com.br/noticia/12/08/2024/rota-vales-dos-tropeiros-cicloturismo-sera-lancada-durante-o-inox-bike-em-timoteo>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SÁ, Alessandro. **Atlas histórico, geográfico e cultural do município de Timóteo**. 1. ed. Timóteo: Gráfica Art Publish, 2014.

SCALCO, Raquel Faria; HELENO, Camila Teixeira; MAGNANI, Maria Cláudia Orlando Almeida; PEREIRA, Vinicius José. **Contos e casos de tropeiros e ferreiros do Jequitinhonha**. Diamantina: UFVJM, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufvjm.edu.br/items/1a3aa76e-027b-4372-81fd-54496ad387ae>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SEBRAE Minas lança Rota Vales dos Tropeiros Cicloturismo durante competição de mountain bike em Timóteo. **Diário do Aço**, Ipatinga, 14 ago. 2024. Disponível em: <https://www.diariodoaco.com.br/noticia/0117904-sebrae-minas-lanca-rota-vales-dos-tropeiros-cicloturismo-durante-competicao-de-mountain-bike-em-timoteo/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SEBRAE Minas apresenta a Rota Vales dos Tropeiros Cicloturismo em Timóteo. Disponível em: <https://plox.com.br/noticia/14/08/2024/sebrae-minas-apresenta-rota-vales-dos-tropeiros-cicloturismo-em-timoteo>. **Plox**, Ipatinga, 14 ago. 2024.

SILVA, Fernando. **Timóteo sediará lançamento da Rota Vales dos Tropeiros**. Vox 97

FM, Timóteo, 13 ago. 2024. Disponível em:
<https://vox97.com.br/noticia/4638/timoteo-sediara-lancamento-da-rota-vales-dos-tropeiros>.
Acesso em: 11 jun. 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/0076312917e9de2eb00e4>. Acesso em: 1 set. 2025.

THE COMMISSION ON FREEDOM. **A free and responsible press a general report on mass communication: newspapers, radio, motion pictures, magazines, and books**. Chicago:University of Chicago, 1947.